O DISTRICTO DE AVEIRO

NUMERO 226 | **TERÇA-FEIRA 8 DE SETEMBRO DE 1863** | **TERCEIRO ANNO**

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

AVEIRO

Um facto que reputamos altamente significativo nos está ahi attestando que o actual gabinete tem sabido captar pelos seus actos as sympathias da maxima parte dos portuguezes : é o rarear das fileiras da opposição jornalistica, e a urbanidade da censura de algumas folhas opposicionistas, que vão reconhecendo que lhes escasseam os motivos para fortes arguições, e que as verrinas descabeladas a proposito de faltas insignificantes são cousas mais azadas a provocar o ridiculo, do que a mover a animadversão e o despeito publico.

Não obstante os esforços dos mais encarnicados inimigos do ministerio para lhe diminuirem a gloria resultante dos melhoramentos realisados durante a sua estada no poder, o desengano vae penetrando nos animos de todos, e cada um se vae convencendo de que, se nem todas as medidas uteis, que ultimamente se teem adoptado, são de iniciativa ministerial, não é possivel negar, de bôa fé, ao governo avantajado quinhão no publico reconhecimento pela sua adopção.

Por vezes o temos dito e provado : não seguimos cegamente e em tudo a politica da situação ; não defendemos indistinctamente todos os seus actos : louvamol-a, se de louvar se nos afigura digno o que practica, e censuramol-a, se nos parece digno de censura.

E por isso francamente confessamos que nos é summamente agradavel o vêr que alguns jornaes que militam na opposição, deixam de vez em quando de fazer côro com os seus correligionarios, para dispensarem ao ministerio os mais desinteressados elogios por alguns de seus actos.

Assim é que nós compreendemos a opposição ; assim é que entendemos se desempenha a nobre missão de jornalista ; assim, e unicamente assim, é que se acredita a imprensa, que poderá gloriar-se de ter grande parte nas mais uteis conquistas da civilisação, quando a honestidade for apanagio de todos os seus membros.

Louvar um governo por tudo o que faz, seja bom ou máu, defendel-o de todas arguições que lhe dirigirem, sejam justas ou injustas, é despresivel servilismo, a que não quizeramos vêr descer a *dignidade humana*.

Achar motivo para censura no que a razão e a consciencia nos diz que deve louvar-se ; proromper em patheticas exclamações, mover as paixões mais violentas a proposito de cousas trivialissimas, e de erros que quasi não merecem reparo, é querer esfalfar sem utilidade alguma, é mentir á consciencia, e aos deveres da missão que se desempenha, é sophismar o fim que rasoavelmente deve ter-se em vista quando se jura seguir as bandeiras de um partido.

Fazer uma resenha de todas as faltas, graves ou leves, commettidas por um governo, e ha muito julgadas pela opinião publica, e vir todos os dias impingil-as ao publico, sob a forma de discurso accusatorio, em edição mais ou menos correcta e augmentada, é tarefa ingloria e improficua, é imperdoavel abuso da paciencia publica, é contrariar manifestamente aquella maxima que designa a variedade como fonte de deleite.

N'estas faltas, de que não são isentos certos incensadores officiosos do governo, estão caindo constantemente alguns jornaes que juraram guerra de morte ao ministerio. Mas os seus artigos accusam claramente a convicção da impotencia dos seus esforços, e da inutilidade de arremessar para a imprensa essas accusações sobre-posse, fundadas em factos, que podem não ser honrosos para o governo, mas sobre os quaes o publico já em tempo emittiu o seu juizo.

O ministerio actual não é decerto o melhor de todos os governos possiveis ; pode ter commettido erros, nem devia esperar-se que fosse impeccavel uma corporação formada de homens ; mas é opinião geral que desde que n'este paiz existe governo constitucional, não houve ainda ministerio, a quem coubesse a gloria de levar a cabo tantas, tão uteis e tão transcendentes reformas, como o que ora gere os destinos do paiz.

Se na hora em que elle descer os degráus do poder, fossemos chamados a apresentar o nosso voto no julgamento supremo dos actos da sua administração, de boa vontade o absolveriamos das faltas que houvesse commettido, tendo em attenção o grande numero de acertos que obrou.

Se o governo continuar a proceder convenientemente no interregno parlamentar, que vae decorrendo, e, abertas camaras, haja ou não modificação ministerial, proseguir com resolução no caminho que com tão bom resultado encetou, acreditamos que venha a realisar se a prophecia que um deputado fez no fim da ultima sessão parlamentar, a saber : que no começo da proxima sessão, o governo terá uma pequenissima opposição, no meio quasi nenhuma, e no fim absolutamente nenhuma.

Oxalá se cumpra a prophecia, e se resolvam todos a auxiliar o ministerio na série de reformas que empreendeu. De outro modo, não hajamos esperanças de descontinuar este progresso de caranguejo, com que ha muitos annos estamos dando ao mundo tristissima idêa de nós.

Em resposta ao emprazamento que no ultimo n.º d'esta folha lhe fizera o nosso collega e amigo o sr. M. G. de Figueiredo, dirigiu o sr. Rezende Junior a esta redacção a carta que se segue.

Sr. redactor.

Satisfaço ao emprasamento do sr. G. de Figueiredo. Deseja s. s.ª que eu repita pela imprensa o que lhe disse no dia 9 d'agosto sobre a estrada d'Aveiro a Eixo. Lembro me de lhe haver dito n'aquelle dia algumas verdades, e de ter calado outras por inuteis ou inconvenientes n'aquella occasião.

Ajuntarei agora umas ás outras, e farei de tudo uma explicação que preencha mais do que um fim. O sr. Figueiredo escolherá o que lhe perecer mais conveniente ao fim, para que fez o emprasamento, e o resto permitta s. s.ª que o destine ao argucioso auctor das linhas que precederam a minha correspondencia do n.º 221, já que tantos desejos mostrou de que eu me explicasse claramente a respeito da questão suscitada aquí por o sr. Figueiredo.

Comecemos pois :

Disse s. s.ª n'um dos numeros d'este jornal que na construcção da estrada d'Aveiro a Eixo havia grandes defeitos que notar, grandes imperfeições que censurar.

Não pertendo indagar o que levou s. s.ª a denunciar assim as obras que a imaginação lhe affigurou e exaggerou por tal arte. Não entro agora n'esses segredos. Quero crer que foi um nobre *zêlo pelas coisas publicas*, e uma nobilissima dedicação pelos interesses materiaes do paiz quem levou s. s.ª a erguer a sua voz energica e auctorisada contra os vicios de construcção d'aquelle lanço d'estrada. E o coração pula-me de contente, e a alma deixa-se me enlevar em estos do enthusiasmo ao ver que neste canto do paiz que me deu o ser ha um benemerito cidadão que antepõe a justiça ás conveniencias, e a consciencia ás personagens, pronunciando-se tão ousadamente contra os abusos dos empregados ignorantes ou deshonestos. D'aqui o recommendamos á posteridade agradecida.

S. s.ª, porém, fingiu não ver que aquella censura ia recair no sr. director das obras publicas deste districto.

E digo que fingiu não ver para não ter que retornar o meu juizo a respeito da intelligencia de s. s.ª Mas o sr. Figueiredo conheceu que uma censura ao sr. Silverio sería mal recebida pelo publico, que avalia e aprecia devidamente este funccionario, e no mesmo artigo e na mesma columna lhe dispensa encomios, que a serem dictados pela sinceridade, teriam suffocado em s. s.ª a ancia de escrever sobre similhante respeito. Com effeito s. s.ª exalta a actividade, a pericia e a honestidade do sr. Silverio, sem se lembrar que os erros da estrada d'Eixo, ou não são vistos por s. ex.ª, e testemunham a sua inactividade, ou são por elle auctorisados, e fica em ruinas a sua pericia, ou por elle consentidos, e a sua honestidade soffre um baldão. Não se foge d'aqui.

Ora um dos defeitos que tanto alarme causaram no animo de s. s.ª, foi o da pedra britada, que s. s.ª não achava nas condições. Pouco depois de publicado aquelle artigo de censura, escreveu s. s.ª uma carta ao sr. Silverio, em que lhe diz que precisa saber quaes as condições em que deve empregar-se a pedra britada n'aquella estrada. *Precisa saber, não sabia.* E *não sabendo* ousou escrever que a pedra se não achava nas condições!... Em boas condições me quer parecer que não estava s. s.ª quando escreveu aquelle artigo, e menos quando dirigiu aquella carta !....

O sr. Silverio entendeu que era esse o mais importante dos defeitos que o articulista notava, e convidou-o a uma visita ao local das obras para examinar-se a pedra destinada ao empedramento. S. s.ª annuiu, e foi. Eu acompanhei o sr. Silverio nesta digressão, e fui presente no acto da entrevista, a que assistiram mais dois cavalheiros desta cidade.

Disse-se então ao sr. Figueiredo que os seus receios eram infundados, e injustas as suas censuras; e eu *querendo dar* a s. s.ª uma explicação que o illucidasse, fiz-lhe ver que tendo tomado parte na confecção do orçamento e caderno d'encargos relativos áquella estrada, podia asseverar a s. s.ª que eram cumpridas as condições em que deve achar-se a pedra destinada áquelle empedrado. Disse-lhe mais (quero satisfazer escrupulosamente) que a porção de pedra que amedrontava s. s.ª, e contra que tanto se tinha revoltado o seu *zêlo pelas cousas publicas*, por a circumstancia de a não ter visto britar, nem por isso deixava de ser aceitavel porque entrava nas condições da empreitada, e porque se apresenta naturalmente em boas condições, offerendo se de pequenas dimensões angulosa e de superficie mais ou menos escabrosa. Não são para regeitar os elementos de boa construcção, que a natureza offereçe sem demandarem excesso de trabalho.

Isto era talvez novo para s. s.ª, e embaraçou-o na explicação que tinha de dar ao publico, a quem o *seu zêlo pelas cousas publicas* tinha por esta vez illudido. Eu conheci-lhe o embaraço e lamentei lhe a posição.

Custava-lhe expôr-se a uma retratação solemne, e para evital a deu parte do resultado do exame d'uma maneira ambigua, que ainda assim o condemnava, mas que ia um pouco d'encontro á verdade, e por termos desfavoraveis ao sr. Silverio. Este sr. achava-se então fóra do districto, e eu em o n.º 221 procurei de-fazer o que havia de engenhosa ambiguidade na exposição do sr. Figueiredo.

Julguei que ainda assim ficava s. s.ª n'uma posição airosa, porque tinha-me desviado de o contradizer formalmente, limitando me a extranhar o a não sanccionar algumas palavras d'applicação engenhosa, mas de significação menos verdadeira.

Tinha observado em s. s.ª desejos de terminar esta questão, e a occasião pareceu-me boa para isso. Não lhe faltaria por ahi em que s. s.ª podesse com melhor vantagem mostrar o *seu zêlo pelas cousas publicas*. Como *zelador* consciencioso devia até esforçar-se por a terminar, attenta a falta de base, em que assentasse o edificio das suas censuras.

Não quiz. Ao menos diz que não o emprasamento do numero anterior d'este jornal. S. s.ª quer continuar a entreter-se com a estrada d'Eixo. Não tem força para sopear os impetos do *zêlo pelas cousas publicas* com relação áquelles trabalhos.

Seja. Eu satisfaço ao emprasamento.

Sou, sr. redactor, de v. etc.

Aveiro, 6 de setembro.

F. de Rezende, Junior

(COMMUNICADO)

«Nós abaixo assignados, cidadãos do concelho d'Agueda, declaramos, que o sr. Joaquim Alvaro Telles, como administrador d'este concelho, é, e tem sido d'exemplar inteireza, honestidade, zêlo e intelligencia no exercicio de suas funcções.

Dizer-se que o sr. Joaquim Alvaro Telles é uma auctoridade manchada de torpezas, sem prestigio e sem dignidade, é uma torpe calumnia, e uma revoltante falsidade, contra que protestâmos.

Damos este testemunho insuspeito e independente da muita consideração, que nos merece o sr. Joaquim Alvaro, e fazemos votos pela sua

---

FOLHETIM

CARLOS HERRMANN

O celebre prestigiador Hermann é actualmente, como foi em 1859, o objecto da curiosidade geral, o heroe dos salões e dos theatros. Quanto se refere a esse homem extraordinario, commove e interessa o publico. Assim julgamos que os nossos leitores verão com prazer figurar na galleria da CHRONICA DOS THEATROS o nome do «rei dos prestigiadores».

Nasceu Hermann em 1821 em Hannover, de paes honrados e intelligentes, que descobriam no filho desde terna edade uma imaginação viva e ardente, e um engenho notavel. Desgraças de familia obrigaram a sua a abandonar a terra natal, e ir estabelecer-se em Paris, onde o futuro prestigiador foi dedicado ao estudo de medicina ; mas Deus não o chamava por esse caminho, e o joven alumno da universidade preferia ao socego das aulas, correr pelos campos com meia duzia de companheiros alegres e travessos como elle.

Uma tarde Hermann e seus amigos projectaram uma «corrida de toiros», e encaminharam-se ao bosque de Fontainebleau. Era no mez de maio : as arvores, vestidas de verde folhagem, serviam de asylo a myriades de passarinhos ; a erva esmaltada de flores silvestres, convidava a escutar, estendido sobre ella, o harmonidso concerto d'aquelles ; uma suave brisa refrescava a fronte dos nossos expedicionarios, suffocados pela carreira, e escaldados pelos raios do sol. Recostaram-se pois sobre a alfombra do campo, e prestaram attenção ao cantico dos melros e rouxinoes, discorrendo sobre o futuro.

—«Eu quero ser pintor!» dizia um estudante de pharmacia.

—«Eu quero ser poeta!» exclamou um advogado «in fieri».

—«Eu quero ser ministro!» acrescentou um theologo em embrião.

—«Pois eu quero ser passaro!» disse Herramann extasiado com a musica divina que os anjos sem duvida ensinaram aos habitantes das selvas.

Quando mais entretidos estavam na enumeração das suas esperanças e das suas ambições, um d'elles viu ao longe uma nuvem de pó, distinguindo ao mesmo tempo algumas magnificas carruagens que se dirigiam ao sitio, onde estavam os «nossos homens».

—E' a libré da casa real! gritou o primeiro pondo se em pé.

—Será Luiz Filippe ? disse outro levantando-se tambem.

—Subamos ás arvores para vel-o melhor! propoz Herrmann ; e querendo dar o exemplo, trepou a uma das arvores mais corpulentas, e escondeu-se entre as suas frondosas ramas.

Os companheiros imitaram-n'o, e n'um momento desappareceu a turba de estudantes da vista dos que chegavam.

Era com effeito o rei dos francezes, quem se acercava, mas não vinha só. Acompanhavam o a rainha Maria Amelia, sua santa e incomparavel esposa, com todos os seus filhos, incluindo os mais novos, os duques d'Aumale e de Montpensier. Vinham tambem mad. Adelaide, irmã do rei, e sua presuposta Egeria e poucos criados.

Já dissemos que o dia estava magnifico e era o primeiro bom depois de alguns tristes e chuvosos : o logar da scena era o mais sombrio e pittoresco de Fontainebleau. Luiz Filippe mandou parar as carruagens, apeou-se, deu o braço á rainha, e respirou com delicia aquelle ambiente perfumado, ao mesmo tempo que a familia real saltava tambem para o campo, e livre da etiqueta, corria alegre e bulliçosa por entre o arvoredo.

Os filhos do monarcha de Julho eram então muito jovens : duque d'Orleans, o mais velho, tinha apenas 18 annos ; o duque de Montpensier, o mais novo, teria 10 ou 11.

Os principes detiveram-se por acaso sob a arvore, onde se empoleirára Herrmann : e apenas tinham começado um dos seus innocentes jogos, detiveram-se attonitos e assombrados. Parecia que todos os passaros da creação se haviam dado «rendez-vous» n'aquelle roble secular. N'um momento á surpreza succedeu outro movimento tumultuoso.

— Subamos a colhel-os ! gritou o principe de Joinville, o mais inquieto e o mais intrepido de todos os irmãos.

Estas palavras foram acolhidas com geral acclamação.

N'um instante os principes, incluindo o malogrado duque de Orlens, despiram jalecas e coletes, e treparam por differentes lados á arvore, onde apesar do terrivel ataque, se continuava a ouvir o maravilhoso concerto. Joinville foi o primeiro que descobriu Carlos Herrmann, que em virtude de um talento admiravel de imitação havia conseguido remedar, juntos e separados, os passaros que ouvira pouco antes cantar.

Os filhos de Luiz Filippe, quando lhes não ficou duvida de que um rapaz, e um só rapaz, reproduzia aquella multidão de sons accordes, enthusiasmaram-se ao ultimo ponto.

— Levemol-o ao papá para o ouvir! disse o impetuoso Joinville : e saltando todos da arvore com rapidez egual á com que tinham trepado, conduziram quasi em triumpho o joven estudante ao logar, onde el rei, a rainha e mad. Adelaide se tinham sentado a descançar depois de um curto passeio.

Ali em sua presença, ao ar livre, executou Herrmann, pela primeira vez, o seu concerto «monstro», diante de um dos primeiros monarchas da terra. O exito foi prodigioso. Suas Magestades e Altezas obrigaram-n'o a repetir, como depois Sua Magestade, o publico, os seus canticos improvisados, felicitando-o pela sua habilidade, e convidando-o a ir ás Tulherias oito dias depois.

Vinte cinco annos mais tarde, a 3 de março de 1860, encontravam-se de novo o duque de Montpensier e o prestigiado Herrmann. O encontro foi em um salão do real palacio de Madrid. O celebre artista havia sido chamado pela rainha D. Isabel II a executar alguns dos seus jogos e experiencias mais notaveis, e em um intervallo, solicitado expressivamente pelo principe de Orleans, recordou a este a aventura do bosque de Fontainebleau.

— Como ! exclamou Sua Alteza. E' o sr. o diabrete que tanto nos divertiu aquella tarde ? E o duque de Montpensier começou a referir com rara exactidão todas as particularidades do feliz encontro que produziu a revelação de uma das habilidades de Herrmann. Este tinha aprendido no collegio alguns simples jogos de mão, innocentes «escamoteios», e na noite que esteve nas Tulherias fez alarde de tudo com grande applauso dos agustos espectadores, que lhe deram repetidas provas de sua benevolencia.

conservação no cargo que tão dignamente exerce.

Tanto a sua vida publica como particular nos provam de sobejo qualidades, que solidamente nos garantem a esperança de vermos uma vez realisados melhoramentos, de que tanto carecemos.

Concelho d'Agueda, 26 de agosto de 1863.

Joaquim Maria de Miranda e Oliveira, juiz de direito.
Visconde da Borralha.
Gonçalo Caldeira Cid (bacharel).
Fernando Geraldes Caldeira (bacharel).
Joaquim Rodrigues de Seabra (reitor de Vallongo)
Padre José Pinheiro dos Santos.
Padre Agostinho Pinheiro da Rocha.
Padre João de Oliveira Menoro.
Padre Antonio Dias de Almeida Balão.
José Ferreira Estimado (prior de Santa Eulalia de Agueda).
Padre José Gomes Martins.
Padre João Gomes da Fonseca.
Padre José Rodrigues Cravo Branco.
Padre Antonio Joaquim Henriques da Conceição.
Alexandre de Paula Quaresma.
Antonio Xavier Pereira Simões.
José Joaquim de Bastos.
José Pedro Soares, juiz de paz.
José Xavier Pereira Simões.
José Joaquim Ferreira e Fonseca.
Manuel Nunes de Bastos Dias.
Antonio Augusto de Miranda Feijão.
Antonio Dias Ferreira.
Manuel Ferreira Estimado.
Manuel Gomes Martins.
José Duarte Novaes.
Antonio Rodrigues de Mello.
João Gomes da Fonseca.
Manuel Dias Ferreira.
Padre José Rodrigues da Roza Feijão.
Manuel Martins Pereira.
João Baptista Fernandes de Sousa.
Joaquim Dias Ferreira.
Manuel Gomes da Silva.
Antonio Martins de Pinho.
Antonio Rodrigues Corrêa.
Antonio Ferreira Sucena, negociante.
Manuel da Silva Ribeiro, negociante.
Alexandre Gomes Soares.
Francisco Ribeiro Guerra.
José Lopes da Silva.
Joaquim Costa de Figueiredo.
Joaquim Rodrigues da Cruz (prior de Recardães)
Padre Manuel de Almeida Junior.
Christovão Pinto Guedes Ozorio de Almeida Sotto-Maior, proprietario.
José Ribeiro, proprietario.
Agostinho José Luiz de Oliveira, proprietario.
João Antonio Rodrigues da Graça, proprietario.
José Gonçalves dos Santos.
Julião Alves Loureiro.
José Pedro Rodrigues da Graça.
Agostinho Domingues Ribeiro.
Manuel de Almeida, proprietario.
Antonio Vasco de Sousa.
Manuel de Noronha da Silveira, professor de ensino primario.
Joaquim Augusto Xavier Castello Branco, proprietario.
Joaquim Augusto de Macedo.
José Pereira Soares.
Victorino Antonio Martins, director do correio.
Francisco Estevão Pinheiro de Figueiredo, escrivão de direito.
Joaquim Augusto d'Aro e Oliveira, pharmaceutico.
Padre Antonio Ferreira de Almeida e Freitas.
José Antonio de Figueiredo.
João Martins de Pinho Coelho.
O ordinando Antonio Rodrigues Pereira Coelho.
Antonio da Silva Ribeiro, negociante.
João Ferreira Sucena, negociante.
Bento de Sousa Carneiro, negociante.
João Rodrigues Pereira Coelho, escrivão de direito.
Thomaz Antonio Martins, escrivão ajudante do dito.
Marcellino Bahia da Costa Carvalho, proprietario.
José de Mello (bacharel, advogado).
Antonio José Rodrigues de Campos (arcypreste e prior da Castanheira do Vouga).
Augusto Ferreira de Campos, proprietario e professor d'instrucção primaria.
Manuel Henriques de Santa Roza (prior de Agadão).
Appollinario Lourenço (prior de Balazaima).
Manuel Antonio Simões (vigario encommendado de Macieira d'Alcoba).
José Ferreira dos Santos (vigario do Prestimo).
Francisco Claudino de Oliveira, professor de ensino primario.
Antonio Maria Gomes de S. José, medico-cirurgico.
Manuel Gomes de S. José, cirurgião.
Geraldo Henriques Rosado, proprietario.
José Gomes de Andrade Ferreira Campos (prior d'Aguada de Cima).
Padre José Antonio da Cruz.
Padre Albino Joaquim de Almeida.
Ricardo Joaquim de Oliveira Coelho, escrivão de paz.
Padre Vicente Rodrigues de Almeida.
Luiz de Almeida Coelho (prior da Trofa).
José Baptista, juiz de paz.
Leonardo Marques Baptista.
Padre José Tavares dos Santos.
José Corrêa de Miranda (bacharel).
D. Antonio do Santissimo Coração de Maria.
Padre Anacleto Pires Soares.
José Francisco Gomes Estima, medico-cirurgião.
Joaquim Ferreira da Silva Moraes.
Francisco Augusto da Silva Ribeiro, negociante e proprietario.
Manuel José de Sá e Mello, secretario da administração.
Miguel Zeferino de Castro, amanuense.
Joaquim Guilherme de Castro, escrivão de fazenda.
Antonio de Mello, supplente.
José Maria Veloso, professor de ensino primario.
Luiz de Mello Ribeiro Pinto, contador.
Antonio José de Carvalho (bacharel, arcipreste e prior de Segadães).
José Rodrigues de Mello, prior de Macinhata.
O padre Manuel Marques.
Padre José Baptista de Oliveira.
Padre Joaquim Nogueira da Silva.
Padre José da Fonseca.
Padre Manuel Ferreira Varella.
Padre Antonio Ferreira dos Santos Rocha.
Padre Manuel Gomes dos Santos.
Padre João Gomes dos Santos Senior.
Padre Vicente Ferreira Sucena.
Padre João Gomes dos Santos Junior.
José Joaquim da Silva Pinho, advogado.
João Ferreira Vidal, idem.
Filippe de Pinho, proprietario.
Antonio Frederico de Albuquerque e Rocha, proprietario.
José Domingues Martins, proprietario.
Francisco Rodrigues da Silva Fataunços, proprietario.
José Henriques de Oliveira.
Padre Luiz Antonio de Abrantes.
José Braz de Figueiredo.
José Rodrigues Pinto Ferreira.
Antonio Rodrigues Davim.
Francisco de Oliveira.
Antonio de Sousa Tondella.
Patricio Ferreira.
Antonio Rodrigues Sucena.
João Rodrigues de Seixas Almiro.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios do reino

«Hei por bem determinar que no dia do feliz successo de S. M. a rainha, minha muito amada e presada esposa, que será annunciado aos habitantes da capital pela forma do estylo, assim como nos dois dias immediatos, haja luminarias, ripiques de sinos e salvas de artilheria em toda esta corte e cidade de Lisboa, castello de S. Jorge, torres e fortalezas da marinha.

Que no dia seguinte ao do nascimento do principe ou princeza, com que aprouver á Divina Providencia felicitar estes reinos, se cante na egreja do extincto convento de S. Domingo, pelas quatro horas da tarde, um solemne *Te Deum* em acção de graças por tão faustos acontecimento.

Que no mesmo dia, e á hora acima indicada, concorram a este acto religioso, não só os titulares e mais pessoas que formam a côrte, a fim de me acompanharem durante a mencionada solemnidade, mas tambem os membros dos tribunaes e mais corporações, e os outros funccionarios das differentes ordens do estado que costumam assistir a taes actos; devendo achar-se disposta uma tribuna especial para n'ella ser recebido o corpo diplomatico.

Que as demonstrações festivas sejam repetidas no dia em que ao principe ou princeza recemnascido for solemnemente ministrada o Santo Sacramento do Baptismo.

Que nos referidos quatro dias se suspenda o despacho nos tribunaes, e em todas as repartições publicas da capital, devendo haver egual suspensão nas provincias do reino em os tres dias que se seguirem ao da recepção da noticia de tão venturoso acontecimento, bem como no dia do baptisado; e nas ilhas adjacentes e possessões ultramarinas nos quatro dias, que depois da recepção da mesma noticia forem marcados pelas respectivas auctoridades superiores administrativas.

Que a camara municipal de Lisboa faça previamente publicar o edital na fórma costumada em occasiões similhantes.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 3 de setembro de 1863. —Rei.—*Anselmo José Braamcamp.*»

Ministerio das obras publicas, commercio e industria

Repartição central

Sua Magestade El-Rei, a quem foi presente o relatorio do director das obras publicas no districto de Aveiro, respectivo ás obras executadas, para melhoramento da barra do rio Vouga, até ao dia 16 de agosto de 1861, e bem assim aos trabalhos que convirá executar para a conclusão d'aquelle melhoramento; ha por bem, conformando-se com o parecer do conselho de obras publicas, resolver o seguinte:

1.º Que se approvem as obras executadas na barra e porto de Aveiro, durante o periodo a que se refere o dito relatorio.

2.º Que se proceda ao projecto definitivo das comportas de Cambeia, com o projecto de dar vasão pela nova barra de Aveiro á parte d'agua de maré da Vagueira, consignando no projecto o calculo do volume approximado d'agua que, nas mais baixas e mais altas marés, procedentes da barreta da Vagueira, concorrerá para a alimentação do canal da nova barra d'Aveiro, e bem assim o calculo do volume approximado d'agua que poderá contar a bacia da Vagueira na hypothese de se entupir a respectiva barreta.

3.º Que se vigiem e conservem com o maior cuidado as obras executadas, e se observem os effeitos d'ellas na barra e porto d'Aveiro, collocando escalas e coordenando um diario de observações das differentes marés e aguas fluviaes.

4.º Que se ultime o molhe do sul da barra, segundo as indicações do dito relatorio, havendo todo o esmero na construcção da testa ou remate do mesmo molhe, em ordem a que offereça a conveniente resistencia ao embate das ondas.

5.º Que não sejam desviados para outras applicações os recursos com destino ás obras do referido porto e barra, em attenção á grande importancia economica das mesmas obras, e á escassez dos meios para ellas destinados.

Outrosim auctorisa o mesmo augusto senhor o mencionado engenheiro para, em conformidade com as indicações exaradas na presente portaria, empregar nas referidas obras a somma que para ellas for destinada na distribuição dos fundos para o presente anno economico.

O que, pela secretaria d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, se communica ao director das obras publicas do districto d'Aveiro para sua intelligencia e devidos effeitos.

Paço, em 29 de agosto de 1863.=*Duque de Loulé.*=Para o director de obras publicas no districto d'Aveiro.

Sua magestade El Rei, a quem foi presente o projecto, datado de 1 de junho de 1862, relativo ao lanço da estrada de Albergaria a Vizeu, comprehendido entre Valle Maior e Mouquim, no comprimento de 2:996,40 metros, a consulta do conselho de obras publicas, datada de 12 de março do corrente anno, e bem assim o officio, datado de 31 d'este ultimo mez, do inspector da 2.ª divisão; ha por bem ordenar o seguinte:

1.º Que se approve o citado projecto;

2.º Que o director das obras publicas do districto de Aveiro faça executar as respectivas obras por empreitadas parciaes ou tarefas, ficando para esse effeito auctorisado a despender a quantia de réis, 10:600$000 importancia do respectivo orçamento;

3.º Que o mesmo director estude as pequenas modificações indicadas pelo inspector no officio de 10 de julho do anno passado, junto por copia á presente portaria, e trate de as levar a effeito, no caso de não importarem sensivel augmento de despeza;

4.º Finalmente, que se dê ao empedrado a espessura de vinte centimetros em toda a extensão do lanço.

O que se communica, pela secretaria d'estado dos negocios das obras publicos, commercio e industria, ao director das obras publicas do districto de Aveiro para sua intelligencia e devidos effeitos.

Paço, em 31 de agosto de 1863.=*Duque de Loulé.*=Para o director das obras publicas do districto d'Aveiro.

Tendo sido offerecida uma unica proposta, superior em 9:000$000 réis á base da licitação no concurso aberto em 4 de setembro de 1861, perante o governador civil do districto de Vizeu, para se arrematar a construcção do lanço da estrada de Vizeu a Albergaria, comprehendido entre o ribeiro de Gumiei e a ponte de S. Pedro do Sul; tendo declarado o director das obras publicas do mesmo districto, o capitão do estado maior de engenheiros Nuno Augusto de Brito Taborda, a responsabilisar-se pela execução das obras do referido lanço e dos dois lanços contiguos, situados entre Mouzellos e Oliveira de Travanca, e entre

---

Este primeiro ensaio fez reflexionar profundamente Herrmann ácerca do futuro.

Seus paes, reduzidos á pobreza pelas desgraças a que alludimos, e por terem uma familia numerosa, logravam escassamente satisfazer os gastos que occasionava a carreira do filho mais velho, o qual tinha pouco gosto pelo estudo da medicina. Resolveu-se, pois, animado de um pensamento invencivel e generoso, abandonar as lições do sabio professor Dupuytren, pelas de Roberto Hondin, Bosco e outros celebres prestigiadores.

O resultado foi maravilhoso: em breve Herrmann aprendeu a fazer muitas sortes com rara agilidade, causando suas boas disposições a admiração de seus mestres. Passando a epoca sem interesse de seus primeiros trabalhos, vamos encontral-o na dos seus primeiros triumphos.

De 1848 a 1850 permaneceu em Inglaterra, dando em Londres mais de quatrocentas representações: em 1849 deu uma em Dublin, em presença do vice-rei da Irlanda e de alguns individuos da familia real.

Em 1850 trabalhou igualmente diante da familia real da Prussia: em 1851 teve a honra de dar algumas sessões de prestigiação no palacio do imperador d'Austria, em presença de S. M. e de toda a sua côrte.

No mesmo anno, em maio, repetiu os seus exercicios perante a mesma augusta pessoa em Praga: em julho deu novas representações em Dresda, em presença de SS. MM. el-rei e a rainha de Saxonia; em agosto trabalhou em Verona, perante o marechal Radestki; em 5 de outubro deu uma representação em Munich, estando presente S. M. el-rei de Baviera; a 29 do mesmo mez, em Stuttgard, trabalhou no palacio de SS. MM. el-rei e a rainha de Wurtemberg.

Em 4 de abril de 1852 deu uma representação a S. M. o imperador da Russia, no seu palacio d'inverno; e durante perto de um anno esteve n'este paiz, dando um numero consideravel de representações, com extraordinario exito. Em 1853 trabalhou em Varsovia diante do marechal Paschewitz.

Em 1855 teve a honra de dar uma representação no palacio do rei de Hollanda, e pouco depois no d'el-rei de Dinamarca.

Em março de 1858, representou no theatro de Bruxellas, em presença do rei da Belgica, e no palacio da familia real.

Depois foi á America, percorreu Buenos Ayres, Montevideu, o Paraguay, e por fim o imperio do Brasil.

No dito anno de 1858, trabalhou dez vezes diante de S. M. o imperador.

No dia 22 do passado voltou a Lisboa, o illustre prestigiador, que é considerado como o primeiro da Europa na sua arte.

Lisboa já em 1859 se encheu de espanto, vendo-o no palco do theatro de S. Carlos, onde foi considerado um bruxo de bigodes retorcidos e collarinho á ingleza.

Não carecemos de contar prodigios de Herrmann, porque uma grande parte do publico de Lisboa já conhece a perfeição a que elle tem levado a sua arte. Na ligeireza, e naturalidade com que trabalha, certamente que não tem rival.

Herrmann, é conhecido em todas as capitaes da Europa por ser o «amigo dos pobres». E' um «feiticeiro philantropo», porque sabe servir-se do prestigio que exerce sobre o publico em proveito dos desvalidos da fortuna. Na America distribuiu mais de 20 contos de réis pelos estabelecimentos de caridade, entrando n'este numero o hospital portuguez em Pernambuco. E' assim que elle conquista sempre as sympathias publicas, captivando-as ao mesmo tempo com a sua dextreza e as suas recreações.

Em 1859, Herrmann, parecendo possuir a lampada de Aladin ou ser Cagliostro, conseguiu que o theatro de S. Carlos se enchesse completamente em todas as representações, quasi consecutivas, que deu em Lisboa.

Em 1859 Herrmann soccorreu o asylo do Campo Grande e outros. Nenhum artista presta mais culto á virtude da caridade do que o famoso prestigiador. O asylo d'Ajuda e o das raparigas abandonadas tambem não deixaram de receber o óbolo de Herrmann. N'um d'estes beneficios appareceu uma poesia, em que se liam os seguintes versos:

Ce sorcier, ce diable, cet'homme
Porte un surnom bien mérité;
Car c'est le pauvre qui le nomme
Le démon... de la *charite*!

Em 1859 Herrmann foi convidado para desempenhar os seus exercicios de magia branca no palacio das Necessidades, recebendo da familia real portugueza os mais lisongeiros testemunhos de apreço.

No Porto, onde tambem esteve em 1859, o celebre prestigiador recebeu grandes provas de sympathia dos habitantes da cidade invicta. O theatro de S. João encheu-se em todas as noites em que houve sessão de prestidigitação.

No Porto soccorreu Herrmann o asylo das raparigas abandonadas, o empresario da companhia portugueza e alguns artistas infelizes, o empresario da companhia lyrica e o asylo de mendicidade.

Em Coimbra representou Herrmann em 1859 no theatro academico. Ahi teve ovações enthusiasticas. Em Coimbra deu elle beneficios em favor dos asylos de infancia desvalida, de mendicidade e das sociedades consoladora dos afflictos e philantropico-academica. Herrmann deu além d'isso tres contos de réis em «coupons» á sociedade philantropico-academica de Coimbra, como fundo para a mesma sociedade.

Na sua volta a Lisboa n'esse mesmo anno, Herrmann deu ainda dois beneficios em favor dos asylos de mendicidade e de Santa Catharina.

Quando esteve em Hespanha, como se pode ler na *Illustração Franceza*, de 21 de abril de 1860, Herrmann deu 60:000 francos para os feridos do exercito de Africa.

O governo portuguez em 31 de dezembro de 1859 concedeu a Herrmann a medalha de ouro para distincção e premio concedido ao merito, philantropia e generosidade.

Herrmann vem de uma digressão pela Hespanha, onde colheu novos louros.

Em toda a parte, os soberanos e as pessoas mais notaveis o tem convidado para *soirées*, em que a colheita dos applausos e dos presentes tem sido sempre copiosa.

Contam-se de Herrmann muitas e interessantissimas anecdotas, que referiremos no numero seguinte, pois nos falta espaço hoje, apesar de ter augmentado o nosso periodico afim de poder publicar esta biographia.

Herrmann casou duas vezes, a primeira com uma cantora alemã; a segunda, em 1860, com uma joven pianista franceza, mad. Rosalia Levy. O velho pae de Herrmann ainda vive em Paris.

O celebre prestigiador demora-se pouco em Lisboa, pois está escripturado para Londres, e tem de partir em breves dias. (*Chr. dos Theatros.*)

este ponto e o ribeiro de Gumiei (em cujo concurso se não apresentára proponente algum), sem exceder as quantias, em que todos tres tinham sido orçados, e dentro dos prasos marcados nos competentes projectos; havendo se ordenado em seguida ao mencionado director, em portaria de 30 de novembro de 1861, que fizesse proceder a todos aquelles trabalhos por administração; e constando finalmente pelo relatorio datado de 10 do corrente que as obras foram effectuadas n'um espaço de tempo inferior em quinze dias ao periodo calculado, e com uma economia para o estado de 1:135$000 réis em relação ás verbas dos orçamentos auctorisados: manda Sua Magestade El-Rei que, pela secretaria d'estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, se louve o director das obras publicas do districto de Vizeu pelas provas, que acaba de dar, de intelligencia e zêlo no desempenho do serviço, que lhe foi commettido.

Paço, em 31 d'agosto de 1863. = *Duque de Loulé*. = Para o director das obras publicas do districto de Vizeu, o capitão do estado maior de engenheiros Nuno Augusto de Brito Taborda.

Supremo tribunal de justiça

PROCESSO N.º 10:019

Relator o ex.mo concelheiro Vellez Caldeira

Nos autos civeis da relação do Porto, juizo de direito da 2.ª vara, recorrente Eduardo Kebe & C.ª, recorrida D. Violante Margarida Alves de Jesus, se proferiu o accordão seguinte:

Accordam os do conselho no supremo tribunal de justiça:

Que, tratando-se n'este processo do concurso de preferencia instaurado sobre o preço de umas casas arrematadas, como se vê do auto fl. 92, cujo preço foi depositado, como consta do conhecimento fl. 96, bem como sobre o valor dos bens rusticos e da propriedade urbana, a que não houve lançador, autos fl. 91 v. e fl. 93 v., e que foram adjudicados provisoriamente á exequente pela sentença fl. 112, o accordão recorrido fl. 238 v. sustentando a sentença fl. 207 v., e com esta graduando em primeiro logar o preferente de fl. 171, por divida proveniente de avaria grossa, que ao devedor commum pertencia pagar em vista do arbitramento dos salvados da carga do patacho *Hermione*, em que o mesmo devedor commum tinha carregado café e aguardente no valor réis 306$400 (o que tudo consta do appenso D), fundando-se para a graduação no artigo 1:300 n.º 11 do codigo commercial, fez errada applicação do mesmo artigo. Por quanto o concurso não é sobre as fazendas salvadas, nem a avaria procedeu de culpa ou infedilidade do capitão ou equipagem, que é o caso do artigo:

Annullam portanto a decisão de direito do accordão recorrido S. 238 v.; voltem os autos á mesma relação, para que por differentes juizes, julgando de novo a appellação, se dê cumprimento ás leis.

Lisboa, 7 de julho de 1863. = Vellez Caldeira = Visconde de Lagoa = Sequeira Pinto.

Está conforme. = Secretaria do supremo tribunal de justiça, 29 de julho de 1863. = O conselheiro secretario, *José Maria Cardoso Castello Branco*.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Esgueira, 31 de agosto de 1863.

Pela primeira vez venho á imprensa rogando-lhe o obsequio de inserir no seu acreditado jornal estas desconcertadas linhas.

Principiando por fazer publicos os escandalos que se estão soffrendo neste malfadado concelho d'Aveiro, vamos á destribuição da congrua na freguezia d'Esgueira. Encontra-se na d'este anno um caso para mim de grande admiração. O sr. Ferreira ou Ferreiras fazem n'isto o que lhes parece e o que entendem; mas eu sei muito bem a causa d'estas desigualdades.

Os srs. Ferreiras collectaram meu tio, o dr. José Bernardo da Silva, como proprietario d'Esgueira, em 240 rs. de congrua, e é justamente o que tem pago todos os annos atrazados; mas como este meu tio viesse visitar a familia este anno, e nem ao menos se demorasse quinze dias, logo teve a infelicidade de ser collectado n'outra verba de 200 rs. como habitante da freguezia de Esgueira. Provavelmente deve estar tambem collectado nas duas freguezias d'Aveiro, por o verem ir ali visitar os seus amigos, assim como tambem em alguma das freguezias do Porto e Lisboa, por onde tem estado alguns dias. Se todos os empregados forem zeladores do suor alheio como os senhores da congrua d'Aveiro, dêvem todos os individuos nas circumstancias de meu tio abster-se de viajar muito, aliás vão-se-lhes os ordenados em pagamento de congruas...

Ora não me dirá o sr. Ferreira que lei o auctorisa a collectar meu tio em duas verbas, uma como proprietario, outra como juiz de direito de Silves, residente na freguezia d'Esgueira? Pois como poderia o juiz de direito de Silves residir em Esgueira, a não ser por alguns dias sómente?

Provavelmente esta quota foi lançada por occasião da festa de Nossa Senhora do Paço, depois do jantar dado em casa do nosso regedor o sr. Teixeira, que tambem, não ha duvida, cumpre bem com as suas obrigações, consentindo que em uma taverna do escrivão do regedor, na freguezia d'Esgueira, se jogue a *pedida*, jogo proprio de... não preciso dizer mais para que me entendam. Mas não se devia esperar outra cousa; pois bem se sabe que o filho de bom pae, com todas as qualidades similhantes, ha de ser um bom empregado publico ou particular.

Porém, como não se hão de conservar estes escrivãesinhos de regedor, se elles são precisos para certos e determinados serviços particulares? O peior é pagarem os independentes para os amigos particulares.

Muito estimaria que o «Campeã das Provincias» desse a mesma tarcia aos srs. Ferreiras igual á que lhes deu quando era «Campeão do Vouga». Mas, qual historia! Se agora já venta de outra parte.... Agora já se não diz do sr. Manuel Ferreira o que se dizia d'antes... agora é s. s.ª um anjo. Não menos boas são as qualidade do seu amigo escrivão do regedor, filho do honrado Francisco Antonio da Silva e Castro. Já que me lembrou este heroe, gostava de saber em que mãos dizia o «Campeão das Provincias» se tinham depositado 16 libras para o salvar da morte da infeliz mulher.

Pela insersão d'estas linhas lhe ficará summamente reconhecido o

De v. etc.

Antonio José de Queiroz e Silva.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem extraímos o seguinte:

—Nova-York, 20.—Lee, com 150:000 homens de reforço avançou até ás margens de Rappahannok, para tomar a offensiva.

Parte do exercito de Meade foi mandado paro Charleston: Meade limitar-se hia á defensiva.

Suppõe-se que os confederados evacuaram Smulher.

—Mexico 22.—Os jornaes franco mexicanos aconselham o reconhecimento do sul.

Juarez convidou os ministros estrangeiros a irem a Petosi: negaram-se todos.

—Paris, 30.—O «Constitucional», em um artigo de Lemeyrac, combate as pretenções americanas sobre a monarchia mexicana.

O «Memorial diplomatico» diz que o gabinete de S. Petersburgo cogito em se responder ás potencias, ou se sómente tomará a iniciativa em algumas concessões pedidas.

O imperador presidio ao conselho.

—Vera-cruz, 1 de julho,—Confirma-se o assassinato do general La Llave. Houve egual projecto contra Doblado; foi porém frustado.

—Hamburgo, 28.—Houve um encontro entre tres companhias e cem cossacos com seis mil camponezes que se negavam á contribuição territorial. Estes ultimos tiveram muitos mortos.

—Cracovia, 28.—Varios encontros recentes têem sido favoraveis aos insurgentes.

—S. Petersburgo, 28.—O principe Constantino foi chamado a um conselho extraordinario privado. Chegou houtem a Ysar Koerselo.

O banco imperial torna a pagar em oiro e prata a 2 por 100.

—Francfort, 28.—Diz-se que o directorio será alterado e os seus membros resolveram que a Succia, em caso de conflicto, se unirá com a Dinamarca contra a Allemanhã.

A carnificina nos estados da America continua, sem deixar prevêr a época da sua terminação.

Aquelle projecto humanitario da liberdade dos servos tem-se transformado em uma origem quasi inexplicavel de immolações de victimas de tão liberal pensamento.

Parece que o general Lee pedira a exoneração.

O recrutamento continua a ser tenazmente contrariado pelos povos, que se horrorisam com a idéa de, sem servir utilmente a patria, irem sacrificar a vida, que lhes é summamente precisa, para o seu bem estar e de suas familias.

A municipalidade de Nova-Yrk, compenetrada d'estes sentimentos, tenciona reunir pecuniariamente os recrutas que aquelle districto devia fornecer ao exercito.

Quanto ao imperio mexicano nada ha que mereça menção.

A questão polaca subsiste no mesmo pé, achando se a Russia vacillante entre responder ás potencias interventoras, ou fazer aos polacos sem mais formulas diplomaticas, as concessões que lh'e aprouver.

O «Jornal de S. Petersburgo» pretende defender a conducta do governo moscovita, publicando para isso o seguinte artigo.

A essas observações, porém, diremos que ninguem nega os sentimentos liberaes do imperador Alexandre; mas que é essa mesma a causa de se extrairem os rigores e as atrocidades russas contra os povos polacos, que pugnam pela sua autonomia e liberdade.

Eis o artigo do precitado jornal a que alludimos:

«A maior parte dos jornaes europeus sustene propagam a opinião de que se nada se tem feito pela Polonias no remado actual.

«Para responder, basta lembrar summariamente as medidas adopatadas para o reino da Polonia desde a exaltação ao throno de S. M. o imperador Alexandre, II, até ao 1.º de janeiro de 1863.

Eis a enumeração d'essas medidas:

I
AMNISTIA, ACTOS DE CLEMENCIA E DE GRAÇA IMPERIAL

«Por uma serie de ukases, dos quaes o primeiro é datado no mesmo dia da sua exaltação ao thronono, S. M. o imperador dignou-se conceder, desde 1856 até 1861 uma amnistia plena e completa, a 8693 condemnados a deportação, a seram banidos, ou a outras penas por crimes politicos, com authorisação de voltarem ao reino, e reintegração no goso de todo os direitos civis e politicos de que tinham sido privados.

«Em virtude do ukase de 19 de fevereiro (2 de março) de 1860, promulgou, por occasião da maioridade do grão duque terceiro, que todos os confiscos proferidos contra as propriedades de pessoas que tivessem tomado parte na insurreição de 1831, e ainda não estivessem executados no todo ou em parte, fossem annullados desde 8 (20) de setembro de 1859; o fisco suspendeu todo o procedimento ulterior contra as propriedades moveis que não tivessem sido completa e difinitivamente adquiridas; os sequestros e as prohibições hypothecarias foram levantadas, e abandonados todos os processos de revindicação.

«Por um ukase datado de 8 (20) de setembro de 1862, os beneficios da mesma graça ampliado aos condemnados politicos das epochas subsequentes.

«Desde 1861 até ultimamente, muitos exilados politicos foram agraciados, e voltaram ao reino, sob proposta do logar tenente do imperador.

II
CULTOS

«O governo do imperador Alexandre II nunca affastou da estricta observancia da concordata de 1847, e diligenciou testemunhar á igreja catholica romana á qual pertence a grande maioria dos habitantes do reino, toda a possivel sollicitude.

«Provou-se a vacancia das cadeiras archiepiscopaes, episcopaes e ás suas suffraganeas, com a nomeação de muitos prelados, os quaes receberam da santa sé a sua confirmação canonica.

«Os provinciaes das diversas ordens monasticas foram auctorisados a dirigirem-se a Roma no caso de ali serem chamados, para tomar parte nas eleições dos superiores geraes de suas ordens.

«Os ecclesiasticos internados nas provincias affrstadas do imperio, em consequencia de haverem tomado parte nas desordens politicas, e cuja conducta ulterior não tinha sido regressarem ao reino.

«Em 1862, attendendo diversas reclamações e queixas, que alguns prelados fizeram confidencial, S. M. recomendou especialmente ao seu logartenente no reino que vigiasse que o clero catholico romano fosse tractado com todos os respeitos que lhe são devidos.

«Em 1858 fez-se um novo rgulamento para o seminario do rito grego unido das dioceses de Cheim; afim de alli se formar um viveiro que podesse produzir ecclesiasticos dignos e instituidores capazes.

«Foi confirmada em 1841 a creação dos tribunaes consistoriaes dos cultos evangelicos chamados para conhecer dos negocios matrimoniaes.

III
PENÇÕES, MEDIDAS FINANCEIRAS E DE BENEFICENCIA

«A associação dos militares do antigo exercito polaco foi sensivelmente melhorada. A uns concederam-se direitos á pensão que tinham perdido quando tomaram parte na revolta de 1830; a outros augmentaram-se as pensões e os soccorros que recebiam do governo. Tambem se tomaram medidas analogas para os empregados civis compromettidos no movimento insurreccional.

«Os emolumentos do pessoal dos diversos ramos da administração augmentaram se consideravelmente, e concederam-se subvenções aos mais necessitados.

Em 1858 e 1859, adoptaram-se medidas financeiras mais proprias para garantir a igualdade e a justa repartição dos impostos existentes no reino com o nome de *offiiara* (imposto sobre a propriedade) de *podymne* (imposto sobre domicilos) e de Charvaskowe (imposto para a conservação das estradas.

Os impostos pessoaes que pesavam na classe dos *adcorvié* (rapazes que trabalham no campo e outros empregados nas explorações ruraes) foram completamente abolidos em 1863.

Por ordem imperial, tinha-se actualmente da escudar e de reorgalisar o systema geral de impostos.

Numerosos melhoramentos foram introduzidos nos estabelecimentos de beneficencio e crearem-se muitos hospitaes novos e outras instituições de caridade.

Conclusão da nota dirigida á Sublime Porta pelo principe Cousa, á cerca dos bens dos conventos.

«A camara dos principes occupa-se em segunda instancia de todas as questões discutidas e resolvidas em primeira instancia e pela assemblêa dos delegados. As resoluções desta ultima não tem vigor senão depois da sancção da camara dos principes.

«O poder executivo é confiado a um directorio. O directorio compõe-se do imperado da Austria, do rei da Prussia, do rei de Baviera e de dois dos soberanos cujos contingentes façam parte dos 8.º, 9.º e 10.º, corpos federaes.

«O directorio é assistido d'um conselho federal, que substitue a actual Dietta, e que se compõe de dezesete plenipotenciarios. E' o numero do pequeno conselho da Dietta actual.

«A Austria será investida na presidencia do directorio, e preside tambem ao conselho federal.

«No directorio decidem-se as questões pela simples maioria de dois terços dos votos.

«Para o conselho federal serve asimple maioria de dois terços dos votos ou mais que serão ulteriormente estabellecidos.

«As attribuições que, em conformidade com a constituição militar federal, fazem parte da competencia da confederação, serão conferidas ao directorio.

«Ao directorio compete a representação internacional da confederação.

«Uma declaração de guerra da confederação não pode vigorar senão com o assentimento do conselho federal.

«As negociações de paz são confiadas a plenipotenciarios do directorio. (*Epoca.*)

NOTICIARIO

Horriveis assassinatos. — Na noite de 25 de julho ultimo na cidade do Porto Alegre, do Brazil, foram barbaramente assassinados pelos seus escravos, dois portuguezes, irmãos, com estabelecimento de padaria na rua de Bragança.

O mais velho, e que era dono da casa, chamava-se Manuel Caetano de Caldas Quintella, não tinha mais de quatro annos de estabelecido, e tendo começado só com o seu credito, já reunia á força de trabalho, um peculio de 20 contos!

Seu irmão Antonio Joaquim de Caldas, era muito mais novo que o primeiro, ido de Portugal ha pouco, era caixeiro d'aquelle.

Os tres escravos, assassinos, tinham maus precedentes, e se diz que o infeliz Quintella os comprara por barato com o calculo de os corrigir pelo rigor.

A autoridade empregava todas as diligencias para descobrir os barbaros assassinos.

(*Braz Tizana*).

Visita real. — Sua magestade el-rei o sr. D. Luiz foi hoje ao arsenal aonde se demorou a examinar as obras das novas construcções navaes, que vão realmente muito adiantadas.

Acompanhou o n'este exame o exm.º ministro da marinha e Visconde da Praia Grande. Sua magestade mostrou-se muito satisfeito pelo adiantamento das corvetas, e manifestou o seu contentamento pela actividade com que viu trabalhar.

Sua Magestade visitou tambem alguns armazens que servem de depositos, e parece que tambem passou uma vista d'olhos pelas diversas officinas do arsenal.

Ouvimos que em poucos mezes as corvetas estarão concluidas, e que as madeiras para ellas escolhidas são das melhores, e mais proprias para construcções navaes.

(*Commercio de Lisboa*).

O diabo em pessoa. — Hontem á noite n'um dos salões aristocraticos de Lisboa onde estavam reunidas para mais de cincoenta damas, espalhou-se subitamente um terror panico que produziu alguns deliquios

Apagaram-se de repente todas as luzes, ouviu-se uivar um cão, miar um gato, silvar uma serpente, chiar uma ratazana, e grunhir um porco. Apoz este infernal concerto abriu-se uma porta no topo do salão, e saíu d'ella um vulto phosphorescente, que caminhando a passos magestosos até ao centro da sala espalhava em torno a si uma pallida claridade.

—Quem és tu, medonho trasgo que veus perturbar a nossa festa? perguntou altivo o dono da casa.

—O diabo em pessoa, redarguiu em bom francez o vulto.

— Que pretendes de nós?

— Enriquecer-vos.

E chegando a um dos candieiros accendeu-o novamente, repetindo-se a illuminação nos demais, e principiou a tirar dinheiro de toda a parte; dos lustres, dos hombros das senhoras, da cabeça dos cavalhesros, do teclado do piano, da bocca, do nariz, dos sapatos e até a colhel-o no ar. Sacou depois de si differentes taças doura das fez apparecer objectos de ouro em varias algi beras, obrou prodigios sobrenaturaes.

As damas a este tempo haviam se reanimado, e todas fictavam o personagem com respeito, admiração e curiosidade.

Uma senhora mais desembaraçada achegou-se d'elle e disse:

— Diabo ouso affrontar-te. E's um alchinista, um José Balsamo, um brucho, um feiticeiro. Podes tirar a mascara que da mesma sorte nos enfeitiças.

O personagem tirou a mascara, e exclamaram a um tempo:

—Herrmann, o grande Carlos Herrmann!

Era com effeito elle. Havia sido convidado pelo dono da casa para fazer aquella surpeza, que começou em susto e acabou em enthusiasmo.

Saias-balões. — A senhora que primeiro usou em França do *balão*, ou *donaire*, que logo tomou o nome de *gardifante*, ou *arquinho*, foi mademoiselle Duplossis, que pertendeu occultar a olhos prescrutadores os resultado de uma fraqueza indescreta. Na sociedade de então, que não andava muito confessada, as outras senhoras apressaram-se a tomar lhe a moda, para não deixar aquella senhorita em posição singular, e alvo de indigações maiores, arriscando se a serem havidas aliás como victimas de indiscrições analogas que tivera a inventora.

Os balões foram tendo nomes differentes segundo eram as suas fórmas. São notaveis alguns dos seus epithetos taes como *la gour, gandine*, ou *mulher de certas facilidades: boute en train*, ou *chamariz: tatez y*, que diremos *apalpa-o: la culbute, a cambalhota: bêtises*, ou posteriores artificiaes quando a roda era atraz: *enlarjuses*, ou *anguluhas*, quando era para os lados.

A revolução fez desapparecer estas illusões. O fato esguio, e a franquesa na fórma e no estado da pessoa, succedeu ao disfarce e ás occultações. Hoje temos os balões as *crinolines*, os *merinaques*, os arcos, os arames, as malhas, os juncos, e uma maior civilisação não os distinguindo por epithetos de sentido desairoso, limita-se a idialisar que tal será o amago destas basilicas que topamos a cada passo, e que muitas vezes nos açoitam as pernas ao passar por logares em que affluo grande transito. (*Rev. de Setembro*).

Nossa Senhora dos Navegantes.— Como em tempo se havia annunciado n'este jornal, teve logar no domingo 6 do corrente a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, em uma bonita capellinha que com esta invocação se acha construida junto ao porto d'esta cidade. Houve na vespera fogo prezo, muzica e illuminação, e no dia, missa cantada e sermão pregado pelo sr. dr. Abel Martins Ferreira, saindo no fim da festa de igreja, pelas 3 horas da tarde, procissão em que ia a imagem da Senhora vestida com muito gosto e decencia, e acompanhada por alguns mordomos, que vestiam as competentes ópas.

A capellinha estava bem decorada, a funcção religiosa correu com a devida decencia, o sermão foi excellente, como era de esperar do orador. Da festividade temos dito; agora digamos alguma cousa do passeio até ao logar da festa, ou, se assim o quizerem, da romaria.

A idêa de ter uma estrada, que dá soffrivel commodo para ir á barra a toda a hora do dia ou da noite, desafiava muita gente a ir ver o fogo na vespera; porém ha ali poucas casas, e a moda de passar noites inteiras *à la belle étoile* vae em grande decadencia. Por isso muitos reservaram se para o dia; mas ainda houve alguns enthusiastas que foram d'Aveiro na vespera ver o fogo, e voltáram a passar aqui a noite, para de novo se dirigirem para a barra no dia seguinte.

No domingo, porém, era muito para vêr se a quantidade de pessoas que d'esta cidade se dirigia para ali, desde manhan, embarcadas umas, outras a cavallo, e muitissimas a pé. Na capella, e nas embarcações que por ali estavam fundeadas, tremolava grande numero de bandeiras. Armáram-se lá algumas danças, em que vimos tomar parte muitas das mais galantes tricaninhas d'esta cidade; cantou-se ao desafio, e, finalmente, foi um dia cheio aquelle. Quem não foi na vespera, nem no dia de manhan, não faltou de tarde. Antes e depois da procissão, a cada momento se viam chegar a cavallo algumas das mais formosas damas d'esta cidade, e, bem entendido, indo ellas, não deixavam de comparecer tambem muitos dos nossos *leões*.

A' noute retiraram todos muito pesarosos de não ser maior o dia para se prolongar diversão, e pouco satisfeitos com o vento, que a todos fez pagar caro o prazer que ali foram gosar.

Agouramos á romaria da Senhora dos Navegantes muita celebridade e grande concorrencia no futuro. Os principios foram bons, e tudo nos leva a crer que ha de ir prosperando de anno para anno.

Para o bom exito da festa dizem-nos que concorrera muito o sr. Reis, piloto-mór da barra, tornando se assim digno de louvor.

Theatro.— A companhia de declamação e canto de meninas hespanholas que se acha n'esta cidade, deu na sexta feira o primeiro espectaculo no theatro da rua do Rato.

Pelo desempenho avalia-se o trabalho e a paciencia do ensaiador, que conseguiu fazer comprehender a creanças de 5 a 12 annos os manejos da scena e as difficuldades da musica, para se apresentarem no palco a representar com bastante naturalidade e a cantar com gosto e arte.

Mas o que attrahe a sympathia e a admiração do espectador é uma menina de 7 para 8 annos que se apresenta com um desembaraço e naturalidade que surprende a todos.

Ao entrar em scena aquella innocente e sympathica creatura, á hilaridade que desde logo provocam os seus gestos tão naturaes, não cessa o publico de admirar e applaudir aquelle prodigio de comprehensão.

Um affecto, uma replica, uma ameaça, uma posição, tudo lhe fica bem, tudo vem naturalmente.

Não queremos prevenir: aos que ainda não viram a menina Mariquinhas Lopes pedimos que frequentem o theatro, e verão que não somos exagerados na surpreza que nos causou a engraçada hespanholita.

E' hoje o segundo espectaculo, cujo programma vae publicado no logar competente.

Volta á scena a comedia — *Um cavalheiro particular* — em que a menina Mariquinhas muito se destingue.

Expediente. — Aos srs. assignantes a quem a administração d'este jornal se dirigiu o mez passado em carta particular a pedir-lhes o pagamento das suas assignaturas, rogamos se dignem responder-nos com a maior brevidade.

E' preciso que os mesmos srs. se convençam de que o nosso jornal não tem mais do que o numero d'assignantes necessarios para a sua sustentação, contando com o pagamento regular das suas assignaturas; mas como uma parte das mesmas se acham em grande atrazo, já dissemos que a administração se vê embaraçada senão impossibilitada de continuar na sua gerencia.

Temos usado de toda a deferencia para com os nossos assignantes, e pela nossa parte esperavamos ao menos merecer-lhes o cumprimento d'um dever—o pagamento regular das suas assignaturas.

Desordem.—Ao regressarem no domingo da romaria da Barra, proximo á Cambêa travaram-se de rasões dois tendeiros d'esta cidade conhecidos pelos *da Isabel*, que passando a vias de facto chegaram a ferir-se.

Não sabemos os promenores da desordem, mas queremos que mais algumas pessoas se envolveram n'ella porque foram prezos 3 ou 4 homens.

Os tendeiros são cunhados, e parece que as mulheres dos mesmos é que principiaram a aggredir se de palavras, tomando depois os maridos a desforra.

Esta desavença vem já de data antiga, e sempre que as duas cunhadas se encontram costuma ter logar um tiroteio de palavras pouco edificante, e que o publico presenceia com desgosto.

Romarias. — Além da romaria da Barra, cuja descripção vae em outra noticia, houve no domingo festa e romaria em Arada, Sôza, Mira e Amoreira, e hoje ha a afamada e concorrida romaria do S. Paio da Torreira, da Senhora dos Prazeres em Ouca, da Senhora dos Febres em Perrães, S. Bernardo e na capellinha de S. Roque d'esta cidade. N'esta ha hoje á noite fogo preso e musica.

Cento e trinta e tantos habitantes do concelho de Agueda veem hoje protestar pela imprensa contra o que, pela imprensa tambem, se ha dito ultimamente em desabono do administrador d'aquelle concelho, o sr. Joaquim Alvaro Telles.

Para os que, como nós, teem conhecimento das qualidades que exornam este cavalheiro, tal demonstração é desnecessaria; mas já assim não é em relação aos desprevenidos, ou nimiamente propensos a accreditarem tudo quanto se escreve em desfavor de qualquer pessoa, quando não apparece em seguida o correctivo.

Digam embora que documentos graciosos, como este, não teem valor algum, pela facilidade com que os obtem quem quer. N'essa extensa lista de nomes vemos os de muitos individuos, os quaes estamos convencidos não prestariam o seu nome para garantir uma asserção, que não reputassem a expressão da verdade.

A todo o que tiver sentido inclinar se lhe o animo para acreditar as diffamações espalhadas contra o sr. Joaquim Alvaro, recommendamos a leitura do communicado que vae no logar competente.

Partiu no domingo passado para Lisboa, chamado pelo governo, o nosso amigo o sr. José, Bandeira Coelho de Mello, engenheiro militar ha tempo em serviço nas obras publicas deste districto.

Os motivos que levaram o nobre ministro da guerra a fazer sair d'esta cidade o sr. Bandeira, são, segundo cremos, informações menos exactas, que alguem, adulterando de proposito os factos, deu para Lisboa a respeito do projectado *meeting* de S. Pedro do Sul. O sr. Bandeira achava-se por essa occasião em Souto, sua patria, e junctamente com alguns cavalheiros d'aquelles sitios, pertendeu convocar o povo a uma reunião pacifica, cujo fim era, como já dissemos n'este jornal, representar ao governo a urgente necessidade de concluir a estrada que hade ligar os districtos d'Aveiro e Vizeu.

Attribuiram-se fins politicos á tentativa de *meeting*: que fins politicos poderia haver em uma reunião pacifica n'uma terra como S. Pedro? Nem o sr. Bandeira, nem nenhum dos cavalheiros que projectaram o *meeting*, occultaram ás auctoridades o que pertendiam; e tanto que representando-lhes o sr. administrador do concelho de S. Pedro do Sul que a reunião podia dar maus resultados, degenerando do fim a que a destinavam, os cavalheiros influentes desistiram do seu proposito.

O sr. Bandeira contava a todos, com a franqueza que usa em tudo, o que de facto sucedera. Se eram com effeito estes os motivos, que determinavam a convocação do *meeting*, não vêmos ahi razão para castigo ou censura, mas sim para elogio. Temos razões para crer que é falso tudo o que, álem d'isto houverem, dito ao governo. Não está em caracter ao sr. Bandeira o papel de conspirador. Attesta-o o exemplar comportamento que sempre e em toda a parte tem tido, o cuidado que põe em cumprir a rigor os seus deveres, a lealdade do seu procedimento para com todos, e o seu inexcedivel cavalheirismo.

Se o sr. Bandeira é ou não desaffecto ao actual governo, não o queremos nós saber; que s. s.ª era incapaz de lhe manifestar o seu desagrado por algum meio que não fosse licito a todo o cidadão, e a qualquer funccionario publico, podemos asseveral-o ao sr. ministro da guerra, pelo conhecimento que temos do caracter do cavalheiro a quem nos estamos referindo.

Esperamos que o governo, melhor informado, restituirá brevemente a este districto o moço brioso e o engenheiro intelligente, que tão bem o tem servido. Se, porem, o governo for injusto para com o sr. Bandeira, desde já o certificamos de que a injustiça não passará, da nossa parte, sem o correctivo que merece.

CORREIO

A'cerca de crise ministerial ou mesmo da recomposição vão desapparecendo os boatos; e o jornal semi official o «Progressista» diz e assevera que taes boatos são inteiramente destituidos de fundamento.

—Novamente se assevera que o sr. ministro da fazenda vae já publicar a reforma das alfandegas por reconhecer que ella é muito urgente.

Não obstante uma tal noticia vir de boas fontes, estamos convencidos que o referido ministro tendo pedido auctorisação para este effeito ao parlamento na sua sessão passada, concedendo-lha a camara dos srs deputados, e por falta de tempo não lhe sendo concedida pela camara dos dignos pares, não tomará a responsabilidade de apresentar uma tal medida, ainda com a certeza de lhe ser dado um bill d'indemnidade na proxima reunião das camaras.

Estamos nesta convicção porque d'aqui á futura sessão apenas medeião quatro mezes e neste tempo não serão tão lezados so interesses da fazenda, que mereça a pena de se praticar um acto inconstitucional, e mesmo porque o sr. ministro sabe que pedindo de novo esta auctorisação lhe é dada.

—O acontecimento que não só Lisboa mas todo o paiz espera com mais anciedade é o parto de S. M. a Rainha.

No logar competente publicamos o decreto que regula os festejos que devem haver por esta occasião.

— Diz se que o principe Napoleão acompanha a Lisboa sua esposa a princeza Clotilde que vem ser madrinha do princepe ou princeza que S. M. a Rainha der á luz.

Tambem se diz que são esperados neste mez S. A. R. o principe Humberto, herdeiro do throno da Italia, S. A. a duqueza de Genova e seu irmão o principe de Carignan, aquelle irmão, e estes tio da nossa Rainha.

— Foi escolhida para ama do futuro herdeiro da corôa a sr.ª condessa de Villa Real.

— Os moradores da Pampulha, os da Junqueira e os d'Alcantara preparam festejos para receberem S. M. o senhor D. Fernando quando chegar á capital.

Estes festejos e os que terão lugar pelo nascimento do principe ou princeza vem agora muito talhados de molde para tirar a nossa capital da pasmaceira em que tem estado.

— S. M. El-Rei visitou no dia 4 do corrente pelas sete horas e meia da manhã o edificio onde está a imprensa nacional. O sr. Pereira Marecos muito digno administrador deste estabelecimento acompanhou o senhor D. Luiz na sua visita, mostrando lhe com suma delicadeza tudo o que mais podia prender a attenção de El Rei.

Quando o real visitante terminou a visita e se retirava, pediu o sr. Marecos licença para mandar ao paço o livro em que todos os visitantes costumão inscrever seus nomes afim de que S. M. se dignasse escrever n'elle o seu.

El-Rei pedio logo o livro e n'elle lançou as seguintes significativas palavras:

«Folgo sempre quando posso elogiar qualquer estabelecimento do estado. Este está no cazo. *D. Luiz.*

Consta que a commissão d'inquerito a alfandega grande de Lisboa já dera o seu parecer, e que este não é favoravel aos empregados que forão cauza d'esta inquirição. Diz-se que o sr. ministro da fazenda procederá segundo o parecer e publicará no *Diario de Lisboa* o relatorio da commissão.

—No dia 4 do corrente falleceu em Lisboa o sr. conselheiro e tenente general Thomaz de Magalhães Coutinho.

A «Revolução de setembro fallando d'elle diz o seguinte:

«Mais um dos 7:500 bravos do Mindello deixou de existir.

Com 75 annos de edade falleceu hoje na sua habitação da rua do arco do Limoeiro, o conselheiro Thomaz de Magalhães Coutinho, cavalheiro de apreciaveis qualidades, e austero caracter que tinha a estima de quantos o tratavam.

Era natural de Castello de Ferreira no districto de Vizeu.

Sentou praça de voluntario em 3 de junho de 1808. Foi feito cadete em 12 de outubro do mesmo anno. Alferes em 10 de janeiro de 1810. Tenente em 17 de dezembro de 1814. Capitão em 10 de dezembro de 1820. Major em 6 de agosto de 1832. Tenente-coronel em 24 de julho de 1844. Coronel em 5 de setembro de 1837. Graduado em brigadeiro em 6 de junho de 1847. Tenente-general em 17 de dezembro de 1854.

Fez a campanha da guerra peninsular. Tomou parte nos movimentos de 1823 e 1826. Emigrou para Inglaterra. Batalhou durante toda a lucta contra o principe proscripto, até á convenção d'Evora-Monte.

Entrou nas seguintes batalhas, combates e assaltos:—Bussaco, Albuera, Badajoz, Arpildes, Vitoria, Nivel, Nive, Ortez, em que foi gravemente ferido, e Villa da Praia.

Em 1821 partiu para o Rio de Janeiro fazendo parte do batalhão de infanteria n.º 4. Volveu a Portugal em 1823, Emigrou para a Galliza em 1828. Esteve depois nos Açores, e dezembarcou no Mindello em 8 de junho de 1832.

Era commendador das ordens militares de S. Bento d'Aviz e Nossa Senhora da Conceição, e cavalleiro da de Christo. Tinha tambem a commenda da ordem militar de Carlos III em Hespanha. Tinha medalha de honra d'Albuera, e a das cinco campanhas da guerra peninsular.

Foi um militar esforçado e fiel. Deixa esposa e 4 filhos, 3 dos quaes do sexo masculino, entregues á mais viva dôr.

O seu funeral é ámanhã ás 10 horas, devendo sahir da sua casa para o cemiterio do Alto de S. João.

—Esperava-se que o caminho de ferro de Lisboa a Badajoz seja definitivamente aberto á circulação no dia 13 do corrente.

—Breve partiria para Inglaterra a corveta «D. João» para metter maquina de vapor.

—Depois que se abriu á exploração o caminho de ferro até Elvas tem afluido á capital um grande numero de hespanhoes e hespanholas. O primeiro comboio trouxe 200 passageiros. Muito maior hade ser esta affluencia dos nossos visinhos quando se abrir até Badajoz.

— O rei dos prestigiadores, o phylantropo Herman, continua a fazer a admiração dos lisbonenses com novas sortes de empalmação, e repartindo dinheiro ás mãos largas em obras de caridade.

— O actor Roza foi escripturado para o theatro de D. Maria II, e tambem o seria seu filho que já tem dado provas do seu talento artistico.

A sr.ª Soller vae ser aposentada.

— São d'interesse os telegrammas que em seguida transcrevemos do «Progressista»

DESPACHOS THELEGRAPHICOS

Madrid 4 de setembro ás 10 horas 20 minutos.

Paris 4. — O «Moniteur» de hoje annuncia que o imperador reconhecera os confederados do sul como potencia belligerante e que outros governos vão seguir o exemplo da França.

Os navios dos confederados do sul poderão entrar nos portos do imperio.

Madrid 5 de setembro ás 12 horas 55 minutos.

Berlin 4.—As camaras foram dissolvidas.

New-York 26. — O forte Sumpter está em ruinas.

Charlestown foi bombardeada no dia 25.

Os periodicos confederados invocam soccorros da França.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escrivão Nogueira vão á praça para serem arrematados no dia 13 do proximo seguinte mez de setembro ás 11 horas, no tribunal, perante do dr. juiz de direito da comarca, os seguintes bens pertencentes aos herdeiros de Luiza Rosa, viuva de João da Costa Malempregado, desta cidade:

Uma casa alta sita na rua das Barcas, desta cidade, que parte do sul com João Venerando, e do nascente com um irmão da defunta, cujas casas tem seu quintal, pegado a um outro que pertence ao armazem do mesmo casal, ficando aquelle quintal com a porta de serventia, avaliada em 250$000 rs.

Um armazem sito ao pé do matadouro, com seu quintal, que chega á porta do quintal da casa, e parte do poente com o mesmo matadouro, e do nascente com a casa do casal, avaliado em 150$000 rs.

Pelo cartorio do escrivão Nogueira correm editos de 30 dias a contar da data de 24 de agosto corrente, a chamar todas as pessoas que tiverem direito á herança do fallecido Guilherme Augusto Sanhudo, fiscal que foi do contracto do tabaco n'esta comarca, com o fim de serem lançados, e de se julgar livre e desembaraçada á herança para os mesmos filhos naturaes do fallecido.

OLEO

DE PETROLINE DE 1.ª QUALIDADE,

PURIFICADO

Vende-se a 100 rs. o quartilho, na Praça, em casa de Bento José d'Amorim.

THEATRO

Funcion para terça feira 8 do corrente

1.º — *Sinfonia.*
2.º — *La Zarzuela en 1 acto.*
UM CABALLERO PARTICULAR
3.º — *Terceto de la Zarzuela*
EL VALLE DE ANDORRA
4.º — *La Zarzuela en 1 acto.*
LA VENTA DEL PUERTO Ó JUANILLO
EL CONTRABANDISTA
5.º *y ultimo.* — *La Zarzuela em 1 acto.*
EL SACRISTAN Y LA VIUVA

A las 9 en punto.

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel.*

Typ. do Districto de Aveiro.